

**SOCIOLINGUÍSTICA NOS QUADRINHOS:
UM ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
EM TIRAS RETIRADAS DE UMA COLEÇÃO
DE LIVROS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Catarina Santos Capitulino (UEMS)

cacaulevitaibg@hotmail.com

Karine Albuquerque (UEMS)

karine.albuquerque@ufms.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade verificar como são trabalhadas as variações linguísticas e a norma culta nas tiras retiradas do livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental II. O gênero história em quadrinho tornou-se um elemento que desde o final do século XIX integra a arte, o jornalismo, a literatura, e atrai públicos diversos. Esse gênero interliga a linguagem verbal e não verbal de forma harmônica. As histórias em quadrinhos abrangem o coloquialismo, as imagens, texto escrito e oral que por meio das imagens dos gestos, a mensagem é entendida pelo leitor. O artigo fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (2002), Ferreira; Gomes (2014), Leite; Callou (2002), Mollica; Braga (2003). Nessa perspectiva, as histórias em quadrinhos é um componente útil para o estudo das variações linguísticas tendo em vista que existem diversos modos de expressão, portanto observa-se que não existe certo ou errado no uso da língua e sim situações de adequação. A escola tem o objetivo de formar indivíduos com o hábito e o exercício de ler, dessa maneira insere-se gêneros textuais para favorecer o prosseguimento da capacidade leitora, crítica e criativa.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variações linguísticas. Histórias em quadrinhos.

1. Introdução

O presente trabalho pretende, inicialmente, verificar como são trabalhadas as variações linguísticas e a norma culta nas tiras retiradas do livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental II, especificamente com a coleção *Língua Portuguesa, Comunicação e Cultura*. (PROENÇA FILHO, 2004)

O gênero histórias em quadrinhos tornou-se um elemento que desde o final do século XIX integra a arte, o jornalismo, a literatura, e atrai públicos diversos. Esse gênero interliga a linguagem verbal e não verbal de forma harmônica.

As histórias em quadrinhos abrangem o coloquialismo, as imagens, texto escrito e oral que por meio das imagens dos gestos, a mensagem é entendida pelo leitor. Identificar o funcionamento dessa união é, portanto, uma atividade linguístico-cognitiva a ser realizada pelos usuários.

O artigo fundamenta-se nos estudos desenvolvidos por Bortoni-Ricardo (2004), Calvet (2002), Ferreira; Gomes (2014), Leite & Callou (2002), Mollica & Braga (2003). Nessa perspectiva, as histórias em quadrinhos é um componente útil para o estudo das variações linguísticas tendo em vista que existem diversos modos de expressão, dessa maneira observa-se que não existe certo ou errado no uso da língua e sim situações de adequação.

Portanto, não existe uma variante boa ou má, mas uma variabilidade na produção. A unidade linguística, língua portuguesa, é compreendida por todos brasileiros, o que ocorre são os falares brasileiros, com diferenças fonéticas, na sintaxe ou no léxico.

Pois, o Brasil é um país onde existe um pluralismo étnico cultural muito vasto em que a relação entre as diversas culturas e as raças ao longo da história, ocasionou as diferenças entre regiões brasileiras bem como nas áreas geográficas do país e, portanto, responsáveis pelos diversos falares no país.

Nesse sentido o papel da escola é de proporcionar aos usuários o acesso aos diversos recursos da língua e o exercício de leitura. Para isso, inserem-se gêneros textuais para favorecer o prosseguimento da capacidade leitora, crítica e criativa.

2. *Tiras das histórias em quadrinhos nos livros didáticos*

O gênero história em quadrinhos alcança leitores de todas as faixas etárias. É um gênero no qual se aliam a linguagem verbal e linguagem não verbal. Porém, muitos livros didáticos de língua portuguesa as utilizam de forma superficial sem aprofundar na linguagem quadrinista.

No final do século XIX, as histórias em quadrinhos foram introduzidas, mais especificamente nos Estados Unidos nas páginas dos jornais e se difundindo pelo mundo. Inicialmente, apresentavam caráter cômico, satíricos e caricaturas, e em seguida abordavam assuntos familiares, personagens feministas, conservando o humor.

Na história das histórias em quadrinhos, Estados Unidos e Europa a considerou a considerou nona arte. Mas, a partir da década de 1960, as histórias em quadrinhos enfrentaram certo preconceito. Vergueiro (2004, p. 08) afirma que “[...] a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta [...]”. Consequentemente, a entrada da história em quadrinho nos livros didáticos de Língua Portuguesa foi tardia.

A partir dos anos 1970, as histórias em quadrinhos começam timidamente a serem introduzidas nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Nos anos seguintes, com os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* é que o estudo do gênero história em quadrinho começa a ser aprofundado nas suas especificidades linguísticas. De acordo com Cavalcante; Gomes; Tavares (2014, p.07) [...] é necessário tão somente que o professor conheça o gênero, seus recursos multimodais e perceba o quanto as histórias em quadrinhos podem abrigar suas aulas.

3. Variação linguística segundo a sociolinguística

Segundo Mollica (2010), a sociolinguística é um dos campos da linguística que tem como seu objeto de estudo a língua em seu uso, concentrando nos aspectos linguísticos e sociais. Portanto, é uma ciência que faz fronteira entre a língua e a sociedade, visando o uso linguístico real, com relevância os de forma heterogênea.

Dessa maneira, existe uma heterogeneidade no português do Brasil. Leite; Callou (2002) afirmam que a variação linguística é resultado do movimento populacional e da ação do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história.

São fatos dessa natureza que comprovam que não se pode pensar no uso linguístico em termos de certo ou errado, e em variante regional melhor ou pior, mas faz-se necessário reconhecer as diversas situações de adequação.

O falante não somente utiliza as regras gramaticais para desenvolver uma sentença bem formulada, mas também utiliza as normas de adequação estabelecidas em seu meio cultural.

Assim, em cada situação, seja mais formal, onde o falante irá monitorar mais seu estilo, ou em situações mais informais, onde o uso de estilos coloquiais será mais presente, leva-se em consideração o papel social que se está inserido para haver a adequação linguística.

Bortoni-Ricardo (2004) aponta que não existem erros, mas diferenças na forma de utilizar os recursos linguísticos. Se uma regra é tida como errada, é meramente porque ela é diferente da regra imposta pela gramática normativa, que se embasa em uma elite de falantes letrados.

Sabe-se da existência do mito da superioridade de uma variante ou maneira de falar sobre as demais, mas antes de tudo, toda variante é um instrumento identitário. “Os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variante linguística que fala”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33)

O Brasil é marcado por fatores históricos, pois ao longo dos séculos XVI e XVII usuários da região litorânea sempre obtiveram maior prestígio, portanto, são fatores históricos, políticos e econômicos que proporcionam o prestígio a determinados dialetos ou variedades regionais. A hegemonia da língua portuguesa dependeu de fatores históricos e não linguísticos. De acordo com Leite & Callou (2002, p. 22)

nos últimos dois séculos e meio que ocorreu uma normatização do português falado no Brasil em direção ao português ‘padrão’ apesar de intrinsecamente variado regional e socialmente, passou a gozar de prestígio e representar a ‘norma’ para o bem falar e o bem escrever.

A consequência desse processo é a rejeição e a presença do preconceito linguístico a outras variantes linguísticas. A história da colonização se reflete na diversidade linguística. E o preconceito linguístico é um fato difícil a ser combatido, pois existe uma contínua pressão social e as mídias agem a seu favor.

No entanto, ao ensinar a língua escrita, observa-se que procura desfazer as marcas identificadoras dos diversos grupos sociais, a fim de alcançar uma norma padrão abstrato e idealizado que seja supranacional.

Porém, em cada falar, mesmo o padrão culto, tem sua norma, variantes que prevalecem em alta frequência por questões ideológicas, mas que não anulam a existência de outras.

A variação linguística, variedades e dialetos, estilos e monitoração estilística estão presentes em toda comunidade, seja pequena, como um espaço semirrural, ou grande, como as capitais. Sempre haverá variação

linguística resultante a fatores como: grupos etários, gêneros, status socioeconômicos, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social.

Além disso, ao estudarmos a variação linguística, consideramos, também, os fatores da própria língua – fatores linguísticos estruturais, como o ambiente fonológico, as classes das palavras, a estrutura sintática etc.

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que o papel da escola é de facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes o acesso aos diversos recursos comunicativos necessários para se desempenharem de maneira adequada, com segurança, a cada situação de adequação. Pois a escola é o lugar do conhecimento sistematizado e o estudo dos conhecimentos historicamente formulados.

Logo, os falantes vão adquirindo recursos comunicativos à medida que vão aumentando suas práticas linguísticas no meio social e alcançam diferentes papéis sociais.

Segundo Leite & Callou (2002), para que a educação seja democrática e igualitária, faz-se necessário que se reconheça a diversidade linguística no Brasil e que possibilitemos aos alunos o acesso às normas prestigiadas e às mesmas oportunidades.

4. Breve análise: tiras das histórias em quadrinhos

Da coleção *Língua Portuguesa, Comunicação e Cultura* (PROENÇA FILHO, 2004) observaram-se os livros da 6ª a 8ª séries. Os livros apresentam tiras das histórias em quadrinhos com o objetivo de interpretação textual, especifica a linguagem quadrinista e as mostra como maneira de diversão.

Proença (2004) divide os livros em quatro unidades, sendo que cada uma subdividida em até três capítulos. No livro da 8ª série não há presença de tiras de histórias em quadrinhos.

No livro da 7ª série são trabalhadas com onze tiras, sendo três histórias em quadrinhos e oito tiras de histórias em quadrinhos abordadas em um único capítulo intitulado *Interpretando tiras e quadrinhos*.

Segundo o manual do professor, o objetivo desse capítulo é de analisar e interpretar tiras e histórias em quadrinhos; reconhecer características desse gênero do discurso; associar linguagem verbal e não verbal;

relacionar iras e história em quadrinhos com narrativa e invenção; relacionar tiras e histórias em quadrinhos com a realidade social.

O capítulo está dividido em tópicos. O primeiro momento propõe-se o trabalho em grupos para discussão e interpretação de tiras. No segundo tópico, “Entendendo a estrutura das histórias em quadrinhos”, ainda em grupo, observam a formação da história em quadrinho. No terceiro tópico, “Entendendo o discurso dos quadrinhos”, trabalha-se com as onomatopeias e questões gramaticais. E no último tópico, o livro volta-se para momento de lazer com quadrinhos.

É importante destacar que existe nessa coleção o tópico “Momentos de lazer” com todos os gêneros apresentados ao decorrer do estudo. Proença (2004) especifica no manual do professor seu entendimento de que a língua é a principal forma de comunicação de uma comunidade, vinculando-a ao conhecimento da realidade cultural brasileira.

Proença Filho (2004) possui o entendimento das múltiplas linguagens presentificadas na comunicação, bem como a compreensão de que a língua portuguesa é pautada por uma unidade na diversidade e uma diversidade na unidade. E que o falante já sabe falar português e que deve ser possibilitado de a consciência dos diversos recursos linguísticos.

No livro da 6ª série, trabalha-se com a variação linguística apresentando a seguinte história em quadrinhos: (**Imagens 1 e 2**)

Ao apresentar a história em quadrinho, somente o primeiro quadrinho revela a variante linguística. A presença do “tu”, utilizado na região Sul do Brasil. Portanto, não ocorre uma reflexão mais ampla sobre as variantes regionais. Mas, na questão número seis, percebe-se a preocupação com a relação social e a fala ao perguntar a maneira de falar com uma pessoa desconhecida.

Dessa maneira, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que

[...] em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. [...], porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. [...] porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25)

A autora denomina os espaços sociais como domínios sociais, existindo, portanto, papéis na sociedade que são construídos na própria interação humana ao utilizarmos a linguagem para nos comunica.

1. Dialogando ao apresentar-se ou ser apresentado.

1. Você já foi apresentado a alguém? Como se sentiu? O que foi que você disse?

Respostas abertas.

2. Veja como agem os personagens dos quadrinhos numa situação dessas:

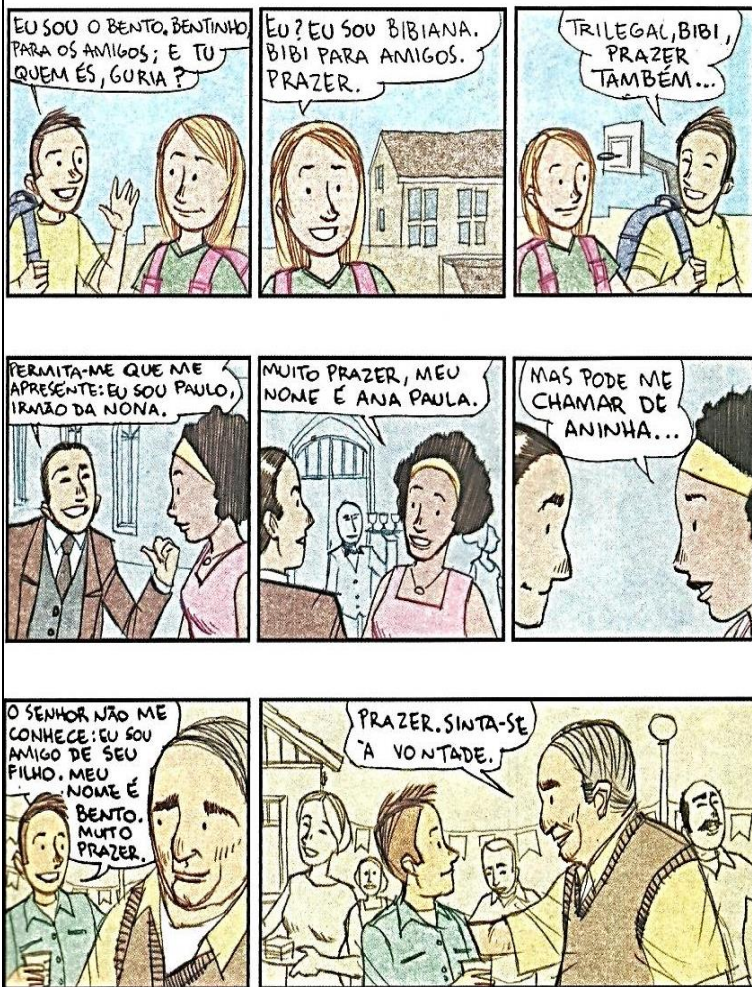


Imagem 1



3. Observe bem os quadrinhos e responda: você acha que a situação de fala influi na maneira de se apresentar? Justifique sua resposta.
Resposta afirmativa. Justificativa em aberto.

4. Na sequência de quadrinhos número quatro, o casal de vizinhos se apresenta e apresenta os filhos. Você conhece outra maneira de apresentar uma pessoa a outra?
Resposta aberta.

5. Um dos diálogos apresentados nos quadrinhos possibilita identificar o jeito de falar de uma região do Brasil. Diga qual é e justifique sua resposta.
A fala do primeiro quadrinho: – E tu quem és, guria? – Trilegal, Bibi. Modo de falar típico de Porto Alegre.

6. Como você se apresentaria ao responsável pela seção de filmes educativos de uma televisão, se estivesse encarregado de fazer uma pesquisa sobre ecologia?
Resposta aberta.

Imagem 2

No domínio do lar, predomina a cultura da oralidade mediada pelo afeto e informalidade e a cultura do letramento, por outro lado, é tratado na escola visando a formalidade da língua e consciência dos domínios sociais. Portanto, na história apresentada, ao se comunicar com falantes desconhecidos existe uma maior vigilância na fala.

Ressalta-se que se pode trabalhar com a utilização dos diminutivos pelos falantes, como em “Betinho”, pois o diminutivo é utilizado em muitos casos para expressar carinho. E no quarto quadrinho, a palavra “nona” de origem italiana para se referir à avó, revela a diversidade cultural no Brasil.

Ferreira; Gomes (2014, p. 127) apontam que é relevante “usar as histórias em quadrinhos como instrumento para se discutir a diversidade de raças e culturas presentes em nossa sociedade e como ferramenta didática [...]”.

A seguir, atenta-se a um tópico do livro da 7ª série que se refere a um personagem da tira de história em quadrinho, porém não aparece a imagem. (**Imagem 3**).

Entendendo os arranjos das palavras na frase

1. Volte à fala do bode Orellana:

“Castigai-nos, Senhor! que a procela e as intempéries surrem-nos impiedosamente!”

a) Diga o que indica a palavra “Senhor”, em termos de arranjos das palavras nas frases.
Ver sugestões no Manual do professor.

b) Você é capaz de indicar o modo e a pessoa em que está conjugado o verbo *castigar*, na mesma fala?
Ver sugestões no Manual do professor.

c) Destaque o complemento do verbo *castigar*.
Nos.

d) Compare a sequência das formas verbais: castiga-o, castigue-o; castigemo-nos; castiguem-no. Observe a terminação do verbo e diga o que acontece com o pronome que está depois dele.
Ver sugestões no Manual do professor.

Imagem 3

O objetivo na atividade é estudar a formação do vocativo na frase, a conjugação verbal e pronomes oblíquos átonos. Porém, existe a falta de sentido para quem não conhece as tiras do bode Orellana.

A escola deve trabalhar a linguagem numa perspectiva sociointeracionista, levando em consideração que “não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com o outro, dentro de um espaço social...” (PCNEM, 1999, p. 125, *apud* VIEIRA, 2013, p. 245)

Nessa perspectiva, é possível observar que as variações linguísticas e a norma culta nas tiras retiradas do livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental II são trabalhadas de forma a beneficiar a norma padrão e cabe ao professor oportunizar ao falante o acesso aos diversos recursos linguísticos por meio dos deferentes gêneros textuais como prática social.

5. *Considerações finais*

O presente trabalho objetivou verificar como são trabalhadas as variações linguísticas e a norma culta nas tiras retiradas do livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental II, especificamente com a coleção *Língua Portuguesa, Comunicação e Cultura* (PROENÇA FILHO, 2004) das 6ª a 8ª séries.

O gênero histórias em quadrinhos tornou-se um elemento que desde o final do século XIX integra a arte, o jornalismo, a literatura, e atrai públicos diversos. Esse gênero interliga a linguagem verbal e não verbal para dar sentido à história.

As histórias em quadrinhos abrangem o coloquialismo, as imagens, texto escrito e oral que por meio das imagens dos gestos, a mensagem é entendida pelo leitor. Identificar o funcionamento dessa união é, portanto, uma atividade linguístico-cognitiva a ser realizada pelos usuários.

Nessa perspectiva, as histórias em quadrinhos é um componente útil para o estudo das variações linguísticas, tendo em vista que existem diversos modos de expressão. Dessa maneira, observou-se que não existe certo ou errado no uso da língua e sim situações de adequação. Consequentemente, uma maior ou menor vigilância no que se refere ao uso dos recursos linguísticos.

Portanto, não existe uma variante boa ou má, mas uma variabilidade na produção. A unidade linguística, língua portuguesa, é compreendida por todos brasileiros, o que ocorre são os falares brasileiros, com diferenças fonéticas, na sintaxe ou no léxico.

Pois, o Brasil é um país onde existe um pluralismo étnico cultural muito vasto em que a relação entre as diversas culturas e as raças ao longo da história, ocasionou as diferenças entre regiões brasileiras bem como nas áreas geográficas do país e, portanto, responsáveis pelos diversos falares no país.

Nesse sentido o papel da escola é de proporcionar aos usuários o acesso aos diversos recursos da língua e o exercício de leitura. Para isso, inserem-se gêneros textuais para favorecer o prosseguimento da capacidade leitora, crítica e criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CARVALHO, M. S.M. de. *O gênero discursivo tira em atividades de leitura em sala de aula*. São Paulo: Universidade de Taubaté/UNITAU. 2008.

CAVALCANTE, M. J. M.; GOMES, A. C. de A.; TAVARES, L. H. M. da C. *As histórias em quadrinhos no livro didático de Português: uma análise multimodal*. XVII congresso internacional asociación de lingüística y filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0723-2.pdf>>. Acesso em: 23-07-2015.

FERREIRA, M. d. C.; GOMES, N. dos S. Personagens negros e indígenas nas histórias em quadrinhos: uma proposta inclusiva. *Cadernos do CNLF*, vol. XVIII, n. 9 – Leitura e Interpretação, Rio de Janeiro: CIFE-FIL, p. 112-128, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/09/007.pdf>.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: ____; BRAGA, M. L (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PROENÇA FILHO, Domício. *Língua portuguesa, comunicação e cultura*. São Paulo: Editora do Brasil, 2004, 6ª a 8ª séries.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In.: ALEXANDRE, B.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto. 2004.